

# RES' PUS BILI CA

EDITORIAL

MAQUIAVEL REVISITADO  
A QUINHENTOS ANOS  
DE "O PRÍNCIPE"

Revista  
de Ciência  
Política,  
Segurança  
e Relações  
Internacionais



No ano de 2013 completaram-se 500 anos sobre a data em que Maquiavel escreveu *Il Principe*, obra de referência da Ciência Política. E obra que, juntamente com outras, em especial os *Discorsi Sopra la Prima Deca di Tito Livio* e *L'Arte della Guerra*, haveria de marcar para sempre a Ciência Política. Com efeito, é relativamente consensual que Maquiavel provocou uma autêntica revolução ao reconduzir a política à esfera do humano, laicizando-a, secularizando-a. Subtraindo-a à moral e à religião.

Alguns entendem que a abordagem antropológica não colhe o essencial, preferindo-lhe uma abordagem sistémica, a desenvolver no interior do micro-sistema corte, remetendo o Povo, o Príncipe e Deus para a esfera das invariantes do sistema. Assim sendo, a política seria um exercício de elites, obedeceria a uma lógica específica e a normas técnicas muito precisas, definidas em função da manutenção, da preservação e da reprodução do poder. Mas a verdade é que, como quase todos os textos deste número sugerem, estas normas técnicas são como que deduzidas da textura variável dos comportamentos humanos em ambiente societário. E, neste sentido, a abordagem antropológica é decisiva. Poder-se-ia mesmo dizer dela que *se non è vera è ben trovata*, visto que esta abordagem funciona de forma muito eficaz, dando-nos uma chave de leitura para o texto maquiaveliano.

Alguém disse que, sendo *Il Principe* a obra mais conhecida e difundida de Maquiavel, na verdade, são os *Discorsi* a sua obra «mais profunda e mais inovadora»<sup>1</sup>. Creio que sim. Até porque os *Discorsi* são uma demorada analítica reflexiva que começa antes e acaba muitos anos depois de *Il Principe*. Mas esta obra é que viria a marcar o futuro. O *Antimaquiavel*, de Frederico II, é uma resposta, capítulo a capítulo, a esta obra. Ao longo da história, muitos foram os que escreveram um novo ou mesmo um novíssimo príncipe. Gramsci considerou o Partido Político como o Príncipe Moderno. *Maquiavélico* é o que se inspira no *Príncipe* para, sem olhar a meios, levar a sua por diante. A ideia de política ficou, pois, grávida de Maquiavel e foi parindo filhos, uns legítimos e outros ilegítimos. Certamente. Mas Maquiavel, diz Foucault, se está no centro do debate não é porque a arte de governar tenha passado por ele, mas «dans la mesure où ça [a arte de governar] se dit à travers

---

1. Senellart, Michel (2001). "Machiavel, penseur de l'État Moderne?". *Magazine Littéraire*, nº 397, pp. 22-24.

lui»<sup>2</sup>. Talvez Foucault exagere porque, na verdade, a arte de governar, *no sentido mais político do termo*, também passa direta e abundantemente por Maquiavel. Neste sentido: se é verdade que a arte de governar consiste em promover políticas eficazes que respondam aos interesses e às expectativas do povo, não é menos verdade que o outro lado, o mais especificamente político, consiste em liderar comunidades, cidadãos de carne e osso, pessoas, indivíduos, grupos de interesse, gerindo relações de força com a eficácia suficiente para não prejudicar esse objetivo de promoção das políticas estratégicas ao serviço do povo (ou contra o povo). Neste sentido, em Maquiavel está totalmente presente uma arte de governar. Mas também se compreende muito bem essa ideia de Foucault de que se fala de tudo em política através de Maquiavel. Porque mesmo quando «ça ne passe par lui, ça se dit à travers lui». Foucault referencia também, a propósito, Marx. Outro grande nome do pensamento ocidental tantas vezes invocado em vão e usado a propósito e a despropósito por quem desconhece realmente a sua admirável obra e a confunde com a vulgata marxista-leninista.

É certo que quando se fala de política é quase obrigatório falar-se de Maquiavel. E quando a fala é sofisticada a referência é Florença. Mas o que já é estranho é encontrar tão pouco Maquiavel na história do pensamento transalpino: Gianbattista Vico, Antonio Labriola, Bertrando Spaventa, Benedetto Croce, Galvano della Volpe. Consultadas as suas obras poucas referências a Maquiavel encontramos. Ao contrário de Gramsci, que lhe dedicou inúmeras páginas nos seus *Quaderni del Carcere: Noterelle sul Machiavelli*. Um Gramsci que, surpreendentemente, nas palavras de Eric Hobsbawm, parece suplantar o próprio Maquiavel em termos de referências na literatura internacional: «A lista dos autores de todo o mundo cujas obras são mais frequentemente citadas na literatura internacional de arte e humanidades contém poucos nomes de italianos, dos quais somente cinco nascidos depois do século XVI. Nesta lista não figuram, por exemplo, nem Vico nem Maquiavel, enquanto Gramsci é citado»<sup>3</sup>. Estávamos nos finais dos anos oitenta, mas a informação não deixa de ser significativa ou mesmo surpreendente. E, de qualquer modo, ela está em linha com a pouca relevância que tantos e tão importantes autores transalpinos lhe deram nas suas

2. Cours au Collège de France, 1978, 9.<sup>a</sup> Lição. Cf. Senellart, Michel (2001), p. 23.

3. Hobsbawm, Eric (1987). "Per capire le classi subalterne". *Rinascita*, vol. 44, nº 8, p. 23.

obras. Incompreensivelmente. Terá sido por isso que alguns dizem que Maquiavel sempre foi mais praticado do que citado!

O panorama, hoje, é diferente e Maquiavel tem vindo a ser objeto de uma atenção cada vez mais intensa e difusa. Em particular, no ano de 2013, a 500 anos de *Il Principe*, com conferências sobre Maquiavel um pouco por todo o lado. Movimento em que não quisemos deixar de participar, promovendo este volume sobre a obra do Secretário florentino, dedicando-lhe doze textos, uma cronologia e este Editorial: uma *introdução geral à obra de Maquiavel*, ensaios sobre *política e antropologia*, sobre *as conjuras*, sobre *Maquiavel e os gregos*, sobre *a virtude e o bom governo*, sobre *a religião*, sobre *Maquiavel e Kautilya*, sobre *Maquiavel e Séneca*, sobre *Maquiavel e a literatura portuguesa*.

Maquiavel é, sem dúvida, um mestre ao qual estamos sempre a voltar. E isso deve-se ao carácter intemporal da sua obra. Uma intemporalidade não decretada pela academia, mas decretada pelo protagonismo da política na evolução histórica da humanidade e pelo lugar efetivo que o Florentino nela ocupou. De resto, é bem possível que a academia não lhe tenha dado a devida atenção, em parte devido à má fama que a sua obra viria a ter, mas também pelo seu potencial carácter subversivo, por muitos assinalado quando diziam que Maquiavel estava a dar instrumentos ao povo para compreender o real funcionamento do poder. Ao entrar no senso comum como execrável prática sem princípios, o maquiavelismo bloqueou a análise crítica desapassionada da admirável obra do Florentino ao mesmo tempo que a arredou da academia. Mas, hoje, em pleno triunfo de um laicismo integral que atravessa a política, Maquiavel surge cada vez mais como um inspirado autor que se torna necessário visitar com frequência.

João de Almeida Santos